

O Twitter como representação da sociedade pós-tradicional: o caso do “cala boca Galvão”

Vinícius Rauber e Souza¹
Alexandra Verardi Burlamaque²

Resumo: O presente trabalho visa mostrar o potencial da radicalização da modernidade através do episódio conhecido como “Cala Boca Galvão”, iniciado via Twitter. Vamos estabelecer uma relação entre o *Twitter* e a sociedade pós-tradicional, uma vez que ambos rompem com o passado e a tradição, se dirigindo muito mais ao presente e ao futuro e exigindo do indivíduo uma série de escolhas que definem o seu eu. O *Twitter* é aproximado à leitura dos sonhos de Freud, onde ambos tem a referência ao passado apenas na forma de fragmentos desconexos que necessitam ser interpretados. É feita uma definição do que é o Twitter, suas principais características, seus usos e suas particularidades em relação à outras ferramentas da internet. Em seguida, há a definição do que é uma sociedade pós-tradicional, conforme Anthony Giddens. Na sequência, aproximamos a teoria de Giddens com a de Freud, com relação a interpretação dos sonhos e a leitura da sociedade pós-tradicional. É feita a tentativa de costurar as abordagens com a leitura e os usos do Twitter, colocando-o como uma metáfora da sociedade pós-tradicional, através do episódio conhecido como Cala Boca Galvão.

Palavras chave: Twitter. Sociedade Pós-tradicional. Cala Boca Galvão.

Abstract: This paper shows the potential for radicalization of modernity through the episode known as "Cala Boca Galvão", initiated on Twitter. We establish a relationship between Twitter and post-traditional society, since both break with the past and tradition, addressing more the present and the future of the individual and requiring a series of choices that define our self. Twitter is approximate to Freud's theory about dreams, where both have the reference to the past only in the form of disconnected fragments that are in need to be interpreted. It is made a definition of what is Twitter, its main characteristics, its uses and merits relative to other Internet tools. Then, there is the definition of what is post-traditional society, as Anthony Giddens. Further, we approach Giddens' theory with Freud's. The attempt is made to tailor the approaches to reading and the uses of Twitter, portraying it as a metaphor for post-traditional society, through the episode known as Cala Boca Galvão.

Key-Words: Twitter. Post-Traditional Society. Cala Boca Galvão.

1. Introdução

O “Cala Boca Galvão”³ foi um episódio que começou no Twitter e que ultrapassou suas fronteiras, tendo repercussão não somente em outras páginas na internet como em jornais e telejornais, em diversos países. A expressão foi citada por alguns dos jornais mais importantes do planeta, como o *The New York Times*, dos Estados Unidos, e o *El País*, da Espanha. Mobilizou pessoas de todo o mundo, de maneira direta ou indireta, algumas de modo intencional e outras não intencionalmente, devido à confusão gerada quanto à tradução e ao sentido da expressão.

¹ Mestre pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail vinirauber@hotmail.com

² Graduada em Psicologia pela Universidade de Passo Fundo. E-mail avburlamaque@hotmail.com

³ No Twitter, a grafia original é “CALA BOCA GALVÃO”, com letras maiúsculas. Iremos utilizar a grafia “Cala Boca Galvão” para tornar a leitura mais agradável. O significado da expressão é “Cala a boca, Galvão!”.

Artigo recebido em agosto de 2012

Aprovado em novembro de 2012

A expressão “Cala Boca Galvão” já existia há alguns anos. Ela fazia referência ao locutor da Rede Globo, Galvão Bueno, hostilizado de forma jocosa pelos seus erros e bordões durante a transmissão de eventos esportivos na televisão. Este tipo de manifestação era observado principalmente em faixas das torcidas de times de futebol nos jogos que o narrador estava presente. Entretanto, a expressão ganhou maior notoriedade durante o show da abertura da Copa do Mundo de Futebol da África do Sul, em 2010, quando alcançou o primeiro lugar nos *Trending Topics*, os assuntos mais comentados da rede social Twitter, em escala global. Uma brincadeira sobre o possível significado da expressão quando traduzida para outras línguas fez com que o “Cala Boca Galvão” fosse um dos assuntos mais discutidos no mundo por alguns dias, indo além das fronteiras do Twitter.

Para entendermos o que foi o “Cala Boca Galvão” mais claramente e o que ele representou, precisamos entender primeiro o que é o Twitter e em qual contexto se deu sua criação e popularização. O episódio mostra o potencial desta rede social no debate de questões contemporâneas e para o entendimento de uma sociedade pós-tradicional. O Twitter vem a radicalizar muitos dos processos iniciados na modernidade.

O presente trabalho visa mostrar o potencial do Twitter como mecanismo de “radicalização da modernidade” (GIDDENS, 1997, p. 74) através do episódio conhecido como “Cala Boca Galvão”. Vamos estabelecer uma relação entre o *Twitter* e a sociedade pós-tradicional, uma vez que ambos rompem com o passado e a tradição, se dirigindo muito mais ao presente e ao futuro e exigindo do indivíduo uma série de escolhas que definem o seu eu. O *Twitter* é aproximado à leitura dos sonhos de Freud (*apud* GIDDENS, 1997), onde ambos têm a referência ao passado apenas na forma de fragmentos desconexos que necessitam ser interpretados.

Primeiro definiremos o que é o Twitter, quais suas principais características, seus usos e suas particularidades em relação a outras ferramentas da internet. Em seguida, será feita a definição do que é uma sociedade pós-tradicional, seguindo os escritos do sociólogo Anthony Giddens, contrastando-a com as características de uma sociedade tradicional. Na sequência, abordaremos a teoria de Freud, com relação à interpretação dos sonhos, ligando-a a leitura de Giddens sobre a sociedade pós-tradicional. Nosso intuito é costurar as abordagens com a leitura e os usos do Twitter, colocando-o como uma representação da sociedade pós-tradicional. Por fim, será debatido como o episódio do “Cala Boca Galvão” está entrelaçado com a discussão sobre o Twitter e com os processos de globalização e radicalização da modernidade na sociedade pós-tradicional.

2. O que é o Twitter?

O Twitter é uma rede social e também um servidor para microblogging (ou um microblog) que funciona com o envio e recebimento de mensagens de até 140 caracteres para os seus usuários. Nele, as postagens podem ser feitas tanto através do website do serviço (www.twitter.com), quanto por mensagens de textos de celular e através de outros softwares específicos. Ele é uma ferramenta relativamente nova. Foi criado em 2006 nos EUA e rapidamente ficou conhecido no resto do mundo. Estima-se que o Twitter tenha 11 milhões de usuários (TWITTER, 2010) sendo uma das redes sociais mais utilizadas, juntamente com o Facebook e o MySpace.

Uma das principais características do Twitter é a simplicidade. Ele se fundamenta em uma pergunta: “*What’s happening?*”, que pode ser traduzida como “O que você está fazendo?” (versão oficial do Twitter no Brasil), ou “O que está acontecendo?” (tradução livre). A resposta não pode ultrapassar os 140 caracteres por postagem. Por permitir postagens através de diversos meios, podendo ser acessado pelo celular, por exemplo, o Twitter é considerado um meio fácil de se conectar ao mundo virtual (TUMBRIDGE, 2010).

Os usuários do Twitter recebem as mensagens das pessoas que elas escolhem “seguir” (ou seja, receber as atualizações) em sua própria página. As mensagens são organizadas em ordem cronológica, com as últimas postagens no topo. O ato de “seguir” usuários e permitir o intercâmbio de mensagens dá ao Twitter uma aparência de rede social. Mas ao contrário do Facebook e de outras redes do gênero, o Twitter não é fechado, ou seja, está disponível para qualquer pessoa no mundo que tenha acesso a internet, se aproximando dos blogs neste aspecto.

Os usos do Twitter têm sido os mais diversos. Jornalistas, políticos, ativistas, usam o Twitter para colocar mensagens na internet mais rapidamente, quase em tempo real. O Twitter teve uso destacado no repasse de informações e no acompanhamento das eleições presidenciais do Irã em 2009, bem como no apagão elétrico ocorrido no Brasil, também em 2009. Músicos, atores, jogadores de futebol e outras celebridades o usam para se comunicar diretamente com seus fãs e aumentar sua audiência. Empresas fazem propagandas de seus produtos e promovem promoções via Twitter, entre outros.

Novas ferramentas do Twitter permitem também que os usuários enviem fotos e vídeos e conversem de maneira particular com outros usuários. Mais recentemente, foi

permitido aos usuários restringirem o acesso de suas mensagens e proteger seu conteúdo. O usuário também pode acessar postagens sobre temas específicos procurando por palavras-chave específicas. Outra função disponível no Twitter é o *retweet*, que consiste em replicar uma mensagem deixada por outro usuário para a sua lista de seguidores, dando crédito a seu autor original. Existe no site da rede social um botão que faz o retweet automático da mensagem, sendo que anteriormente os usuários realizavam isto de forma manual, acrescentando um RT ao lado do endereço do autor e da mensagem original. O Twitter também disponibiliza os chamados *Trending Topics* (TTs), uma lista em tempo real das palavras ou frases mais postadas, por ordem cronológica. Para ter acesso à lista o usuário deve estar logado. Os Trending Topics são comentados frequentemente pelos usuários e mobilizam correntes para colocar um tema na lista e ter exposição.

O Twitter está profundamente ligado a uma sociedade destradicionalizada. Ele surge como um dos serviços mais utilizados na internet devido às suas peculiaridades e às características do mundo atual. Ele é produto do que Giddens (1997, p. 73) vai chamar de uma “sociedade pós-tradicional”.

3. O que é a Sociedade pós-tradicional

Para Giddens (1997), estamos vivendo a emergência de uma sociedade pós-tradicional. A modernidade já era apresentada pelos teóricos iluministas em oposição à tradição. Entretanto, ao mesmo tempo em que a modernidade dissolvia a tradição, ela a reconstruía. A persistência e a recriação da tradição foram fundamentais para a legitimação das formas de poder emergentes, tendo como maior exemplo a forma como o Estado se impôs aos sujeitos, através, por exemplo, de seus mitos fundadores ou de seus heróis de libertação. Hoje, a tradição ainda abrange alguns aspectos fundamentais da vida social. Conforme Giddens (2003, p. 53), “na maior parte dos países, por exemplo, a família, a sexualidade e as divisões entre os sexos permaneceram intensamente saturadas de tradição e costume”.

Giddens (1997) vai identificar o momento atual como de transição, rumo a uma finalização do processo de destradicionalização, não apenas no ocidente, mas também no mundo como um todo. A atual transformação do mundo social possui duas esferas. São processos que tiveram origem no início do desenvolvimento da modernidade, mas que se tornaram particularmente intensos: 1) a difusão das instituições modernas, por meio da globalização e 2) os processos de mudança intencional, ligados à radicalização da

modernidade. Há uma extraordinária relação entre as decisões do dia-a-dia e os seus resultados globais, juntamente com o seu inverso, a influência das ordens globais sobre a vida do indivíduo. Assim, as atividades locais das pessoas ao redor do mundo são influenciadas ou mesmo determinadas por acontecimentos ou organismos distantes. Por outro lado, as ações cotidianas do indivíduo podem produzir consequências globais. O abandono, a desincorporação e a problematização das tradições fazem parte deste processo e são as principais características da sociedade pós-tradicional.

Para entendermos o que é viver numa sociedade pós-tradicional, precisamos saber o que é "tradição" e quais são as características gerais de uma "sociedade tradicional". Giddens (1997) define a tradição como uma orientação para o passado constituída para ter uma forte influência sobre o presente. Diz respeito à organização do tempo futuro, onde o futuro é modelado sem que se tenha que esculpi-lo como um território separado do seu passado. Ela envolve memória, rituais, um espaço localizado, autoridades portadoras de verdade, repetição e estabilidade.

A tradição está ligada a memória, em especial ao que Halbwachs (*apud* GIDDENS, 2007, p. 81) chama de "memória coletiva". A memória, assim como a tradição, diz respeito também à organização do passado em relação ao presente. Ela é um processo ativo, que não pode ser identificado apenas com a lembrança. Para Halbwachs, o passado é continuamente reconstruído, tendo como base o presente, e não simplesmente preservado. Essa reconstrução é parcialmente individual, mas, mais ainda, é social e coletiva. A tradição seria um meio organizador da memória coletiva. Um trabalho ativo de interpretação, que liga o presente ao passado através de repetições. Giddens faz uma analogia entre a análise dos sonhos em Halbwachs e a tradição:

"Os sonhos são, na verdade, o que sua significação poderia parecer sem as suas estruturas sociais organizadoras - compostos de fragmentos desconexos e sequências bizarras. As imagens permanecem como 'matérias-primas' que formam combinações excêntricas" (GIDDENS, 1997, p. 81).

A tradição também envolve um ritual, como um meio prático de garantir sua preservação. A memória coletiva é baseada nas práticas sociais. Isso está mais explícito não apenas na relação entre a memória e o sonho, mas também no intervalo que se apresenta pela atividade do desvanecimento ou da fantasia. O desvanecimento é o relaxamento do indivíduo diante dos deveres da vida cotidiana, permitindo que sua mente vagueie. Por outro lado, é uma continuidade da prática que conecta o fio das atividades do cotidiano com aquelas de ontem e

do ano passado. O ritual, assim, conecta a reconstrução contínua do passado com a ação prática (GIDDENS, 1997).

A tradição possui um conteúdo normativo ou moral. Está intimamente relacionada aos processos interpretativos pelo qual o passado e o presente são ligados. A tradição é o que deve ser feito em uma sociedade, e não o que é feito. A maioria das coisas, na verdade, é modificada pelo processo de interpretação. A tradição oferece uma segurança ontológica aos que a ela aderem. Há profundos investimentos emocionais nela, que se originam dos mecanismos de controle de ansiedade que os modos tradicionais de crença e ação proporcionam (GIDDENS, 1997).

A interpretação na tradição está ligada a uma série de indivíduos ou instituições que tem por tarefa revelar as verdades que essa tradição possui. São os guardiões. Essa “verdade formular” (GIDDENS, 1997, p. 83) não depende da sua efetiva competência, mas apenas ao status que seu guardião possui. Os guardiões são portadores dessa verdade de maneira inata, e não por aprendizado, ao contrário do conhecimento e as habilidades do moderno especialista, que supostamente possui competências que podem ser adquiridas por qualquer um que o desejar.

As sociedades tradicionais exercem sua influência num território específico, no qual elas estão enraizadas. Ainda que haja diásporas, essas são centralizadas em pontos de origem, como Roma ou Meca, por exemplo, (GIDDENS, 2003). No entanto, com a radicalização da modernidade, há um abandono cada vez maior dos contextos locais, fundamentais para a manutenção da tradição. A globalização é um fenômeno que acaba por dissolver a tradição. Ela é a ação à distância, um processo de desterritorialização, onde a ausência predomina sobre a presença.

A tradição também é estabilidade. Ela proporciona as estruturas estabilizadoras que integram os “vestígios da memória” numa “memória coerente”, fornecendo o que Giddens chama de uma "segurança ontológica", no caso, diminuindo a contingência do mundo para os indivíduos (GIDDENS, 1997, p. 86).

Por fim, para garantir a estabilidade, a tradição é repetição. Ainda que essa repetição esteja sempre sendo modificada pelos processos de interpretação e reinterpretação realizada pelas pessoas, ela pressupõe uma espécie de verdade que é a antítese da "indagação racional", compartilhando algo com a psicologia da compulsão (GIDDENS, 1997, p. 85).

4. Modernidade como compulsiva

Freud (*apud* GIDDENS, 1997) vislumbrou que a tradição estava se transformando em compulsão na modernidade. A compulsividade é uma incapacidade de escapar do passado, onde o indivíduo que se vê como autônomo, na verdade caminha para um destino sub-reptício. Para os pensadores iluministas, o crescente saber sobre o mundo social e natural seria chave para a felicidade humana, trazendo um controle cada vez maior do homem sobre ele mesmo e sobre a natureza. Já no século XX, pensadores como Max Weber e Michel Foucault, chamaram a atenção em seus estudos para o crescente aprisionamento do homem pela burocracia e pela técnica e para o controle exercido pela sociedade sobre o indivíduo. No entanto, para Giddens (2007), a modernidade é muito mais contingente e aberta do que essas abordagens sugerem.

O filósofo Gilles Lipovetsky (1983) vê a acentuação do narcisismo em nossa sociedade. Cada indivíduo deve dizer tudo, personalizar o seu desejo por meio de associações livres, personalizar o mundo, deixar sua marca. O narcisismo adapta o eu ao mundo que ele nasce. O adestramento social vem pela auto-sedução. A tendência diagnosticada por Nietzsche de ceder aos impulsos e às vontades de maneira anárquica é levada ao extremo, em função da perda de um centro que organize o todo. Há uma ruptura com a estandarização da antiga sociedade do consumo ou pela organização da vida controlada por mecanismos puramente burocráticos.

Para Giddens (1997), quanto mais o homem tenta controlar o futuro, mais incertezas ele gera. A incerteza é uma consequência do acúmulo de conhecimento do homem sobre ele mesmo e sobre o ambiente material em que vivemos. A dissolução da tradição precisou de outros mecanismos para substituí-la e garantir a estabilidade que proporciona segurança aos indivíduos na modernidade. A ciência e a razão somente em parte conseguiram substituir a tradição. Mas deixaram um espaço que Giddens chama a “forma emocional da tradição” (1997, p. 87). A compulsão torna-se, assim, um aspecto constitutivo da modernidade.

Eric Hobsbawn (2002) já falava sobre como numerosas tradições foram criadas na modernidade, como um modo de atribuir legitimidade aos Estados e garantir a adesão dos indivíduos às instituições. Giddens (1997) sugere que a compulsividade da modernidade também se manifesta no domínio público. A discussão de Weber sobre a ética protestante gira em torno da transição da tradição para a modernidade. Weber (*apud* GIDDENS, 1997) demonstra a ascese impulsiva do empreendedor capitalista e a angústia e o desejo de acumular riqueza. Esta não é simplesmente justificada por valores espirituais e culturais mais elevados, ou como resultado de uma contenção puramente econômica. O indivíduo abandona a tentativa

de justificar esse comportamento. Para Giddens, o capitalismo surge como uma forma de compulsão.

Assim como em Freud, para Giddens há uma inclinação emocional para a repetição, que é em grande medida inconsciente ou pouco compreendida pelo indivíduo em questão. O passado continua vivo, mas ao invés de ser reconstruído de modo ativo de acordo com a tradição, ele tende a dominar a ação de outro modo. A compulsividade, portanto, é a tradição sem o tradicionalismo, quando socialmente generalizadas. É uma pedra que se coloca no caminho da autonomia, na forma de repetição, ocupando o espaço vazio deixado pela tradição.

Enquanto Freud falava de obsessão ou compulsão, Giddens traz à tona a questão do vício, ou dependência, presente atualmente na sociedade, como uma atualização da compulsão. O vício é a "repetição que perdeu sua conexão com a "verdade" da tradição" (1997, p. 90). Hoje somos viciados em uma centena de coisas diferentes, desde carros à comida. A dependência também diz respeito à influência do passado sobre o presente, onde a repetição tem um papel-chave. Ela é a autonomia congelada. O dependente está igualmente preso ao passado, como um meio de diminuir a contingência da vida cotidiana.

Na sociedade pré-moderna, a tradição e a rotinização da vida cotidiana estão intrinsecamente ligadas uma à outra. Por outro lado, na sociedade pós-tradicional a rotinização torna-se vazia, a menos que esteja ajustada aos processos da reflexividade institucional. Não há lógica em fazer hoje o mesmo que fizemos ontem, exceto em instituições como o trabalho e a burocracia. A repetição é justamente a lógica da tradição. O progresso dos vícios e da compulsividade são, portanto, sintomas do processo de destradicionalização da sociedade.

Na visão de Giddens (2003), Freud pensou estar estabelecendo um tratamento científico para a neurose, mas estava construindo um modelo para a renovação do senso de identidade, exatamente no período de maior declínio do peso das culturas tradicionais na vida cotidiana. Na psicanálise, o indivíduo revê seu passado para criar maior autonomia e controlar seu futuro. A sociedade pós-tradicional tem várias características e um traço fundamental é o "projeto reflexivo do eu" (GIDDENS, 1997, p 93), ou seja, a construção do eu sem a tradição, que depende de grande grau de autonomia emocional.

5. Entendendo o "Cala Boca Galvão"

No Twitter, alguns aspectos da modernidade vão alcançar proporções radicais, como as consequências globais que as ações locais podem ter. Considerando o Twitter como uma representação da sociedade pós-tradicional, o episódio conhecido como o “Cala Boca Galvão” pode nos ajudar a entender um pouco mais alguns aspectos de como funciona essa sociedade. Ainda que a definição do eu não esteja claramente presente na discussão, vamos procurar tangenciá-la, visto que é central na visão teórica de Giddens.

Como colocado já no início deste artigo, apesar da expressão “Cala Boca Galvão” já existir há alguns anos, ela foi tomar uma maior proporção somente durante o show da abertura da Copa do Mundo na África do Sul, quando alcançou o primeiro lugar nos *Trending Topics*, os assuntos mais comentados do Twitter, em escala global. Ela fazia referência ao locutor Galvão Bueno – da Rede Globo, maior emissora de televisão do país – hostilizado pelos seus bordões e erros durante a transmissão de eventos esportivos na televisão. Uma brincadeira sobre o possível significado da expressão quando traduzida para outras línguas fez com que o “Cala Boca Galvão” fosse um dos assuntos mais discutidos no mundo por alguns dias, indo além das fronteiras do Twitter.

Uma dúvida pairou sobre os usuários do Twitter de outros países: afinal, o que significaria tal expressão? Frente às dúvidas dos usuários estrangeiros do Twitter, parte dos usuários brasileiros do Twitter estendeu a piada, afirmando que se tratava de uma canção inédita da cantora de música pop Lady Gaga, cujo tema girava em torno da preservação de um suposto tipo de papagaio, uma ave brasileira nativa da Amazônia. Ela foi traduzida para o inglês como “Save the Galvão birds” ou “Salve os pássaros Galvão”. Logo, os internautas do mundo todo começaram a retuitar e sites a reproduzir esses rumores e os usuários internacionais do Twitter perguntavam onde poderiam baixar a tal música. Alguns sites brasileiros de música chegaram a disponibilizar a letra da suposta música da Lady Gaga, como uma forma de prolongar e dar mais veracidade à brincadeira.

Mas a história foi para além desse acontecimento e se expandiu. Logo surgiu outro boato, o de que cada “Cala Boca Galvão” enviado pelo Twitter (ou retuítdo) valeria US\$ 0,10 para um suposto (e fictício) Instituto Galvão, de preservação do referido pássaro, que estaria em extinção devido às mudanças climáticas e à venda da suas plumas no mercado negro para a criação de fantasias de carnaval.

Foram feitos cartazes, páginas na internet e perfis no Twitter do suposto instituto, onde seria possível conhecer melhor a causa e fazer doações. Vídeos foram colocados no Youtube (o vídeo tem mais de um milhão de acessos!) iniciando uma campanha mundial sobre o tema

baseada em uma brincadeira coletiva. Até mesmo os mais renomados jornais do planeta, como O *The New York Times*, dos Estados Unidos, e "El País", da Espanha, produziram reportagens seguindo esses boatos.

6. Considerações finais

Consideramos aqui, o Twitter como uma representação da sociedade pós-tradicional. Em uma sociedade pós-tradicional, bem como no Twitter, não é mais o passado, as relações sociais estáveis, a territorialidade, os ritos e a repetição que orientam o futuro. O futuro é construído basicamente através das escolhas dos indivíduos diante da diversidade de oportunidades que lhes aparecem, sem um princípio orientador da ação.

É possível contestar até que ponto o “Cala Boca Galvão” teve efeitos no mundo *offline*; estes com certeza foram limitados. Mas se pensarmos conforme Pierre Lévy (1998), isto é, que os computadores são meios de comunicação, ou seja, ferramentas para interações que são reais, então essa questão se torna inócua, uma vez que o que há são antes as interações no mundo *offline*, transportadas para o mundo *online*. De qualquer modo, esse episódio mobilizou a atenção de pessoas de todo o mundo que, se não tentaram fazer doações para os pássaros Galvão, discutiram isso com seus amigos ou parentes também no mundo *offline*. O acontecimento também alcançou os telejornais mais importantes do Brasil e os jornais mais importantes do mundo.

A grande revolução operada pelo Twitter não é a criação de nenhum mecanismo específico que o diferencie brutalmente das outras formas de comunicação instantânea na internet. O Twitter é antes a junção de determinadas funções e o uso que as pessoas fazem dele o torna uma ferramenta diferenciada. Afinal, nada impede que os grupos sociais usem o Twitter para reafirmar suas tradições, criando novos arranjos, num processo de “reencaixe”, como conceituado por Giddens (1991, p. 90).

Não se trata aqui de quantificar os impactos que este fenômeno teve no mundo, mas apenas demonstrar como funcionam as coisas em uma sociedade pós-tradicional. O que era uma brincadeira limitada aos telespectadores de eventos esportivos do Brasil, tornou-se um tema de discussão que transcendeu as fronteiras nacionais, sendo discutida em muitos países e contrariando a tendência de “colonização do terceiro mundo” com assuntos do primeiro mundo ou de “imperialismo unilateral”. Ao mesmo tempo evidencia a desterritorialização e o impacto da globalização, o quanto o “aqui” afeta e é afetado por processos que não estão

relacionados com a tradição, e sim com o caráter multidimensional da modernidade, de uma forma radical.

O que vimos foi que a grande “autoridade” existente no Twitter é antes o jogo discursivo dos agentes do que o *status* que estes possam ter adquirido, como demonstrado por este episódio. O status adquirido pode ser visto pelo número de seguidores que um usuário tem, por exemplo. Mas isso não traz nenhum privilégio. Suas mensagens não aparecem com exclusividade, nem são os portadores da verdade, como a tradição exige, mesmo as tradições científicas. O Twitter produz o que Giddens (1991, p. 36) chama de “processos de desencaixe”, retirando as pessoas de seus contextos tradicionais, rompendo relações de subordinação pessoal e destruindo identidades estáveis ou dadas como tais. Ele não depende de um lugar estável para se manter.

Os *Trending Topics*, apesar de poderem ser lidos com referências territoriais, muitas vezes criam redes que escapam ao controle dos próprios usuários. Diferentes pessoas, completamente anônimas, que não se comunicam entre si diretamente, podem estar discutindo um assunto e influenciando decisivamente uma terceira pessoa, sem que ao menos saibam disso. No caso analisado, um tópico que podemos considerar como sendo coletivo e anônimo, ainda que associado a perfis de pessoas reais teve um grande impacto sobre os usuários do serviço, onde a mobilização coletiva e a repetição substituíram o status do portador da verdade para a legitimação do assunto.

No Twitter, a influência do passado sobre o futuro não é muito mais do que efêmera. Como somente as postagens mais recentes ficam expostas na página principal, as mais antigas tendem a ficar para trás e serem esquecidas. O mecanismo de pesquisa por palavras-chave do Twitter ajuda nesse processo de atualização da informação e ao mesmo tempo esquecimento do passado. Não é fácil encontrar as mensagens antigas dos usuários. Há apenas duas maneiras. A primeira é por um processo de “escavação” nas mensagens anteriores, o que pode levar um bom tempo. A segunda é quando o usuário escolhe tomar nota de uma mensagem particular que fica guardada em uma pasta com suas mensagens favoritas. Mas isso exige que o usuário tome a nota no momento que recebe a mensagem, para que ela fique guardada.

O episódio do “Cala Boca Galvão” demonstra como os boatos, ou seja, tópicos sem referência com um passado estruturado, definem o presente e até mesmo “colonizam” (GIDDENS, 1997, p. 76) o futuro. Uma simples busca em mecanismos de pesquisa poderia resolver o problema de tradução para a maioria das pessoas que não falam português, envolvidas no caso e que o reproduziram. A reprodução dessas informações vem na forma de

compulsão, de uma repetição vazia, não orientada para a tradição. O desejo pela informação e pela atualização constante são os mecanismos que ocupam parte dessa inclinação emocional para a repetição. Quanto mais seguimos pessoas no Twitter, quanto mais informações obtemos, torna-se ao mesmo tempo mais difícil mantermos vivas as relações com o passado. Justamente, conforme colocado por Dominguez (2002), com a complexificação da vida social há uma multiplicidade de possibilidades de engajamento, projetos e identidades que marcam a trajetória dos indivíduos. Assim como no indivíduo da sociedade pós-tradicional, no Twitter cada usuário realiza a sua síntese pessoal e desenvolve o seu projeto reflexivo individual.

Portanto, o Twitter tende a ser um mecanismo que rompe com o passado, sendo muito mais voltado para o presente do que para o passado, ao contrário dos tradicionais *blogs* e das redes sociais. Nos *blogs*, os mecanismos de buscas são mais incrementados e a pesquisa por mensagens anteriores é uma das funções vitais. Ao mesmo tempo, diferentemente das redes sociais, o Twitter não é algo que privilegie a manutenção de um "perfil" do usuário. A própria questão norteadora do Twitter – What's happening? – pode ser traduzida como “O que está acontecendo?” ou “O que você está fazendo?”, ao contrário da questão fundamental de outras redes sociais, como o Orkut, em que a principal questão é “Quem você é?”.

Ainda, no Twitter o usuário tem que constantemente atualizar-se com novas mensagens para não ficar "para trás", sendo “esquecido no passado” e não aparecendo mais na página principal de quem o está seguindo. A busca por referências no passado que possam orientar as mensagens futuras é, portanto, desprivilegiada em detrimento das constantes atualizações e de mensagens enviadas por outros usuários. Freud (2006, p. 79) aborda o motivo pelo qual esquecemos os sonhos ao acordarmos, ou então de apenas conseguirmos lembrar fragmentos e pequenas lembranças. Assim como nos sonhos, no Twitter, somente pequenos fragmentos do que foi vivido são captados diante da diversidade de acontecimentos do mundo.

Não obstante, é uma exigência que os usuários façam suas escolhas no Twitter, tanto no que tange a quem irão seguir (ou seja, de quem irão receber as mensagens atualizadas), o que irão postar (“tuitar”) ou mesmo retuitar. Não há nada que os oriente sobre o que deve ou não ser colocado. As escolhas não precisam ter uma sequência lógica ou mesmo serem coerentes, como vimos no episódio narrado. São mensagens mais ou menos aleatórias e condensadas, bem como são as imagens dos sonhos em Freud e Hawlbaks.

Referências

DOMINGUES, José Maurício. Reflexividade, individualismo e modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, nº 49, 2002.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**: 6 ed. Rio de Janeiro: Imago editora, 2006.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, U.; GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, A.; LASH, S. **Modernização reflexiva**. Política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

_____. **Mundo em Descontrole**: 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2003.

HOBBSBAWN, Eric. **A invenção das tradições**: 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio d'Água, 1983.

TUMBRIDGE, James. Twitter: who's really there? **Journal of Intellectual Property Law & Practice**, Oxford, v. 5, nº 2, 2010.

TWITTER. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2010.
Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Twitter&oldid=21902324>>.
Acesso em: 20 set. 2010.